

ANO-  
MAIS de  
SMTO

Schuma Schumahr

---

De: Erico [ericovitalbrazil@globo.com]  
Enviado em: domingo, 18 de junho de 2006 23:35  
Para: Schuma  
Assunto: Fw: histórico do Bogum

----- Original Message -----

From:  
To:  
Sent: Sunday, June 18, 2006 9:53 PM  
Subject: histórico do Bogum

**Olá Érico, esse é um breve histórico do bogum, talvez possa te ajudar. nesse doc. a única informação q. não procede é o tempo de luto. O autor cita 3 anos, mas na verdade nosso luto é de 7 anos. bjs**

---

### Breve histórico do terreiro *Zoogodô Bogum Malê Rundô*

Luis Nicolau Parés, Salvador 2004\*

O candomblé do Bogum, ou *Zoogodô Bogum Malê Rundô*, de nação jeje mahi, já foi chamado o “terreiro mais antigo do jeje”, “centenário”, “bissecular”, com “mais de três séculos” e outros apelativos que destacam a sua antiguidade[1]. Uma das tradições orais da casa remonta a fundação do Bogum ao final do século XVIII e sustenta que o terreiro teria surgido a partir de um quilombo de escravos fugitivos. O indício documental mais forte para sugerir o funcionamento do Bogum data de 1831. Trata-se do relatório de um assalto a um candomblé de africanos situado no topo de um morro, no Engenho Velho da Federação, localização perfeitamente compatível com a do Bogum, cujo barracão está estrategicamente localizado no alto da Ladeira Manoel Bomfim[2].

Embora não caiba descartar o funcionamento do Bogum nos anos 1830, a primeira referência escrita a essa congregação religiosa aparece em 2 de maio de 1867, no jornal *O Alabama*. A notícia relata um ritual funerário realizado “por alma de um Machado, *dignidade do Bongum*”[3]. Outra notícia, uma semana depois, menciona “o candomblé denominado *Bogum*, de que são chefes o barbeiro José Moraes, morador ao Cabeça, Isidoro Melandras e a preta Rachel”[4]. Várias notícias consecutivas de 1867 a 1870 indicam uma estabilidade da congregação religiosa, e demonstram que o terreiro tinha atingido uma complexidade organizacional e litúrgica similar à dos candomblés contemporâneos, com longos processos de iniciação, estrutura hierárquica do corpo sacerdotal, e atividades rituais que se prolongavam durante a maior parte do ano. Além do mais, o Bogum mantinha estreitas relações de cooperação com outros terreiros de Salvador e do Recôncavo. Cabe notar que, nessa época, o termo utilizado para referir-se as divindades africanas era “*vudum*” (e não orixá, como atualmente), sugerindo a preeminência e visibilidade social dos terreiros jejes no processo constitutivo do Candomblé.

O que aconteceu no Bogum nas três últimas décadas do século XIX fica um enigma ainda por esclarecer. A tradição oral da casa fala que o terreiro foi liderado pela africana Ludovina Pessoa, “a primeira mãe-de-danto do jeje marrino (mahi)”. Sabemos que ela era uma das mais importantes mamães do Candomblé baiano na década de 1860, transitando livremente entre Salvador e Cachoeira, e dirigindo

19/6/2006

1914

1914

1914

1914

1914

1914

1914

1914



importantes festas que congregavam "gente da Bahia, multidão de Cachoeira, tropilha de Sant' Amaro e uma chusma da Feira"[5]. Após dela, o Bogum teria fechado por vários anos até uma nova retomada das atividades religiosas, por volta de 1890.

No período pós-abolição, o Bogum foi liderado pela crioula Valentina, iniciada, provavelmente por Ludovina, para o vodun Sogbo Adaen. Valentina foi secundada por Manoel da Silva, que era de Ogun. Os primeiros anos da sua gestão são obscuros, mas é razoável pensar que, na primeira década do século XX, o terreiro já estava funcionando com uma certa estabilidade, pois, sabemos, que por volta de 1910 Valentina recolheu um primeiro *barco* de oito voduns, celebrando a sua saída em junho de 1911. Nesse período ainda haviam africanas na casa[6].

Segundo as tradições orais, Valentina e Manuel da Silva faleceram por volta de 1920 e o terreiro ficou inativo por vários anos, até 1935, quando assumiu Maria Emiliana da Piedade, consagrada ao vodun Agué [7]. O escritor português Edmundo Correia Lopes fez uma visita ao terreiro em setembro de 1937 e comenta que, naquele momento, "o Bôgum despertava de um sono longo"[8]. A gestão de Emiliana é lembrada como uma das épocas de apogeu e esplendor do Bogum. Em 28 de julho de 1937, após a celebração do Segundo Congresso Afro-Brasileiro em janeiro, foi fundada a Sociedade Afro-Brasileira Fiéis de São Bartolomeu[9], órgão civil do terreiro, e, em setembro do mesmo ano, o Bogum foi registrado na *União das Seitas Afro-Brasileiras da Bahia*. Edison Carneiro menciona, entre os terreiros de nação jeje, "o da velha Emiliana, no Bôgún, o mais importante de todos"[10].

Nesse período o Bogum mantinha estreitas relações com o terreiro Seja Hundé de Cachoeira, e tem quem afirme que "os dois terreiros eram um só". Emiliana preparou pelo menos três *barcos*, o que vem a confirmar a capacidade de recrutamento de novos membros e a boa dinâmica da congregação. Na década de 1940, o Bogum se consolidou como um dos terreiros mais importantes de Salvador. O prestígio do terreiro estava baseado na competência ritual dos seus líderes, mas afiançava-se e era legitimado por uma extensa rede social de contatos e colaborações com sacerdotes de outras "nações de candomblé".

Emiliana faleceu com 92 anos, em 10 de novembro de 1950. O Bogum fechou as portas ao público por três anos (como é de praxe na nação jeje) e esse período de transição foi marcado por disputas pela liderança. Por volta de 1953, Maria Romana Moreira, iniciada em Cachoeira e consagrada ao vodun Kpo, assumiu como zeladora, mas nunca foi *doné* (um dos títulos da máxima dirigente nos terreiros jejes), nem iniciou voduns no Bogum. Ela era uma experiente sacerdotisa que acompanhou de perto a gestão de Emiliana, mas ela também transitava em candomblés de outras nações.

Após a morte de Romana em 1956, a liderança do Bogum foi assumida por Valentina Maria dos Anjos, vulgo Runhó, iniciada pela primeira *doné* Valentina, em 1911, para o vodun Sogbo Adaen. Com Runhó, as relações entre o Bogum e o Seja Hundé de Cachoeira se esfriam e, a partir de 1960, cessa a comunicação entre os dois terreiros. Ao mesmo tempo, membros da família dos Anjos começam a ocupar cargos de importância, constituindo o parentesco biológico uma forma de garantir a estabilidade do poder religioso e a continuidade do terreiro.

Jorge Amado reverenciou Runhó como exemplo da "discrição e o recato tradicionais da nação jeje" e outros destacaram a "austeridade com que conduziu seu Candomblé"[11]. Entre 1964 e 1972 Runhó iniciou 6 *barcos*, com um total de 16 voduns, na sua maioria consagradas a voduns distintos, o que indica uma vontade implícita de preservar a riqueza do panteão jeje e ao mesmo tempo uma grande competência ritual.

Mãe Runhó, que sofria do coração, veio a falecer em 27 de dezembro de 1975. Após uma nova interrupção de três anos, o terreiro foi reaberto no dia 2 de janeiro de 1979 e, no dia 21, foi empossada a sucessora Evangelista dos Anjos Costa, vulgo Nicinha ou Gamo Lokosi, filha carnal de Runhó, iniciada por Emiliana para o vodun Loko. Entre 1985 e 1990, Nicinha preparou quatro *barcos*, com um total de dez voduns consagradas a dez voduns diferentes. Essa época esteve marcada por um esforço persistente da comunidade em promover uma maior visibilidade social do terreiro, através da imprensa e outras

...the ... of ...  
...the ... of ...  
...the ... of ...  
...the ... of ...  
...the ... of ...

...the ... of ...  
...the ... of ...  
...the ... of ...  
...the ... of ...  
...the ... of ...

...the ... of ...  
...the ... of ...  
...the ... of ...  
...the ... of ...  
...the ... of ...

...the ... of ...  
...the ... of ...  
...the ... of ...  
...the ... of ...  
...the ... of ...

...the ... of ...  
...the ... of ...  
...the ... of ...  
...the ... of ...  
...the ... of ...

...the ... of ...  
...the ... of ...  
...the ... of ...  
...the ... of ...  
...the ... of ...



estratégias. Nessa perspectiva, Mãe Nicinha promoveu encontros com altos dignitários religiosos da África e foi também anfitriã da 1ª Semana de Palestras sobre “O Povo Malê e suas influências”, celebrada em 1986. Nesse fórum, começaram a conceber medidas contra a especulação imobiliária e a organizar uma campanha a fim de conseguir recursos para restaurar o terreiro<sup>[12]</sup>.

O crescimento urbanístico de Salvador e a especulação imobiliária foram responsáveis pela progressiva perda de terras do terreiro, iniciada em finais dos anos 1950, e agravada na década de 1960. Desde então, o Bogum “teve o seu espaço físico diminuído cinco vezes ao que era originalmente”<sup>[13]</sup>. As terras foram aos poucos ocupadas por casas e casebres, a partir de vendas realizadas pela família Catharino (proprietários nominais das terras) e concessões que fazia Runhó a pessoas que vinham lhe pedir ajuda. Poucos dias antes da sua morte, Runhó declarava: “Cada dia vai ficando mais difícil fazer as obrigações do gege, aos nossos voduns. É que estão faltando mato e rio, próximos de nosso terreiro. Antes tínhamos um rio por aqui; mas foi entulhado. E para ‘fazer santo’, só tendo mato e água”<sup>[14]</sup>.

Nicinha iniciou a sua gestão com importantes alianças políticas e com ações para chamar a atenção dos poderes públicos sobre a precária situação do terreiro. Em 1981, a Prefeitura de Salvador, em convênio com o SPHAN/Pró-memória do Ministério de Cultura, sob a direção do professor Ordep Serra, lança o Projeto MAMNBA (Mapeamento de Monumentos Negros da Bahia) que visava preservar, com o patrocínio dos órgãos públicos, as áreas sagradas dos terreiros de Salvador. O projeto contribuiu para a reorganização da Sociedade de Fieis de São Bartolomeu e, em 1985, encaminhou à Câmara Municipal o projeto de lei n. 3.591/85, para declarar o Bogum (e outros três terreiros vizinhos) como Área de Proteção Cultural e Paisagística. A lei existia, mas a sua eficácia foi nula. Um segundo projeto de lei da mesma época determinava que os terreiros não deviam pagar mais décimas à Prefeitura e, nesse momento, o Bogum deixa de pagar também o aluguel das terras. A família Príncipe de Oliveira, então proprietária do terreno, também não reclamou mais o pago do aluguel. Porém, os moradores do Bogum ainda não têm nenhum registro de propriedade das terras.

A campanha lançada através da imprensa e outras iniciativas políticas dos ogans do Bogum permitiram obter alguns recursos para a restauração do barracão. Em 1987, por exemplo, a Fundação Gregório de Matos, contribuiu para esse fim no marco de uma campanha para a recuperação dos principais terreiros da cidade. Na década de 1980, portanto, o Bogum se mobiliza através de contatos políticos e do uso da mídia para lutar contra a especulação imobiliária e obter benefícios dos órgãos públicos. Nessa época, foi discutida a possibilidade de tombamento do terreiro, mas a iniciativa não prosperou, devido a uma decisão interna da comunidade.

Nicinha, que sofria uma anemia profunda, faleceu em 5 de outubro de 1994, com 82 anos de idade. Na ausência da *doné*, assumiu provisoriamente como responsável da casa a mãe pequena, *hunso* Dezinha de Oxum. O terreiro permaneceu fechado por mais de sete anos. Foram tempos difíceis para a congregação religiosa, que ainda perdeu, em 1995, o ogan *hundeva* Edvaldo dos Anjos Costa, filho carnal de Nicinha. Em 30 de maio de 2002, o *olowo* Agenor Miranda Rocha, 94 anos, após olhar os búzios de Ifá, apontou como nova *doné* do Bogum a *dofona* Zaildes Iracema de Mello, vulgo Índia de Ajonsu (Azonsu), sobrinha de Nicinha e neta de Runhó. Legitimada pelos poderes do mais prestigiado e respeitado *olowo* do Candomblé contemporâneo, a liderança religiosa do Bogum permanecia ligada à família de Runhó, já na sua terceira geração. As atividades rituais públicas foram reiniciadas em dezembro de 2002, e em agosto de 2003, a sucessora tomou posse do cargo de *doné* para inaugurar uma nova etapa do Bogum.

\* As informações deste histórico resultaram de pesquisa desenvolvida entre 1996 e 2003 e estão publicadas em Luis Nicolau Parés, *A formação do Candomblé: história e ritual da nação jeje na Bahia*, Campinas, Editora da Unicamp, 2006.

[1] “Bogum quer tombamento para preservar o seu bissecular Terreiro”, *A Tarde*, 24.8.86; “Sepultada mãe-de-santo do mais antigo terreiro jeje”, *A Tarde*, 6.10.94; “Terreiro do Bogum inicia cerimônias de preparação”, *A Tarde*, 7.10.94. Ainda alguns membros do Bogum estimam a data da fundação em 1620: Butler, *Freedoms*, p. 191.

[2] Reis & Silva, *Negociação*, pp. 56-7; cf. “Antônio Guimarães ao presidente Barros Paim” 24.7.1831, Juizes de Paz, maço 2681, APEBa. Esse indício, embora impreciso, parece mais convincente que outros argumentos que defendem a mesma hipótese do funcionamento do Bogum nos anos 1830, em relação a revolta dos malês em 1835: Monteiro, *Notas*, p. 61. J. de Carvalho, “Nação Jeje”, pp. 55-56; “Mundo Jeje comemora cinquentenário de sua mãe-de-santo”, *A Tarde*, 26.7.88.

The first part of the document discusses the importance of maintaining accurate records of all transactions. It emphasizes that every entry should be supported by a valid receipt or invoice. This ensures transparency and allows for easy verification of the data. The text also mentions that regular audits are necessary to identify any discrepancies or errors in the accounting system.

In addition, the document highlights the need for a clear and concise reporting structure. Management should be provided with timely and accurate financial statements that clearly show the company's performance over a specific period. This includes the income statement, balance sheet, and cash flow statement. The reports should be easy to understand and provide actionable insights into the company's financial health.

Furthermore, the document stresses the importance of maintaining up-to-date financial records. This involves regularly reconciling bank statements and ensuring that all transactions are properly recorded in the accounting system. It also suggests implementing strong internal controls to prevent fraud and ensure the integrity of the financial data. Regular training for staff is also recommended to ensure they are up-to-date on the latest accounting practices and regulations.

The document also discusses the role of technology in modern accounting. It suggests that companies should invest in reliable accounting software to streamline their financial processes and reduce the risk of human error. Cloud-based solutions are particularly beneficial as they allow for real-time access to financial data and facilitate collaboration between different departments. However, it also notes the importance of ensuring that all data is properly secured and backed up to prevent any loss of information.

In conclusion, the document provides a comprehensive overview of the key principles and practices of effective financial management. It emphasizes the importance of accuracy, transparency, and timely reporting, and offers practical advice on how to implement these principles in a business setting.

- [3] *O Alabama*, 2 de maio de 1867.
- [4] *O Alabama*, 10 de maio de 1867.
- [5] *O Alabama*, 19 maio 1869.
- [6] Entrevista com Valentina Maria dos Anjos, 17.1.61, Ficha n. 1, CEAO.
- [7] Everaldo Duarte, 23.8.96.
- [8] Lopes, "Exéquias", p. 559.
- [9] Estatutos da Sociedade Afro-Brasileira Fiéis de São Bartolomeu, publicados no Diário Oficial n. 10777 e 10778, em 16 de Outubro de 1977.
- [10] Carneiro, *Candomblés da Bahia*, pp. 44-45, 64.
- [11] Ekede Santa, entrevista 1981; "Acabado Cirrum, o Bogum fica fechado por um ano", *A Tarde*, 5.1.76; "A solidão do povo jeje. Por Jorge Amado", ref.\*\*\*
- [12] 22, 23 e 25 de julho de 1986, *A Tarde*; J. de Carvalho, *Reinvenção*, p. 37.
- [13] "Bogum quer tombamento para preservar o seu bissecular Terreiro", *A Tarde*, 24.7.86.
- [14] "Ruinhó quer mato e rio para 'voduns' do Bogum", *A Tarde*, 5.12.75.

### Urânia Rodrigues Munzanzu

---

Novidade no Yahoo! Mail: receba alertas de novas mensagens no seu celular.

100

The first part of the document discusses the importance of maintaining accurate records of all transactions. It emphasizes that every entry should be supported by a valid receipt or invoice. This ensures transparency and allows for easy verification of the data.

In the second section, the author outlines the various methods used to collect and analyze the data. This includes both primary and secondary data collection techniques. The analysis focuses on identifying trends and patterns over time, which is crucial for making informed decisions.

The third part of the document provides a detailed breakdown of the results. It shows that there has been a significant increase in sales volume, particularly in the latter half of the period. This is attributed to several factors, including improved marketing strategies and better customer service.

Finally, the document concludes with a series of recommendations for future actions. It suggests continuing to invest in marketing and customer service while also exploring new product lines to diversify the business.

The following table summarizes the key findings of the study:

Category	Q1	Q2	Q3	Q4
Sales Volume	1200	1500	1800	2200
Customer Satisfaction	85%	88%	90%	92%
Marketing Spend	\$5000	\$6000	\$7000	\$8000
Profit Margin	25%	28%	30%	32%